

## Maringá e a rede urbana regional: conteúdo urbano e concentração demográfica

Angela Maria Endlich

*Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá-Paraná, Brazil.*

**RESUMO.** Este artigo busca sintetizar aspectos da história e geografia da rede urbana regional, em que se insere Maringá, visando compreender as relações interurbanas recentes, associadas aos conteúdos dos núcleos urbanos e a dinâmica demográfica.

**Palavras-chave:** rede urbana, urbanização, modernização agrícola, consumo produtivo rural.

**ABSTRACT.** **Maringá and the regional urban network: urban contents and demographic concentration.** This article is about the history and the geography of the regional urban network which Maringá is part of. Research aims at understanding recent interurban relations associated with urban contents and demographic dynamic.

**Key words:** town network, urbanisation, agricultural modernisation, rural productive consumption.

O presente texto tem por objetivo analisar elementos do processo de produção da rede urbana em que se insere Maringá, destacando os papéis desta cidade na referida rede, no momento de sua constituição, bem como de sua posterior redefinição.

Inicia-se com a busca de fatores histórico-geográficos relevantes para a compreensão do processo sócio-espacial ocorrido no Paraná. Enfatiza-se as transformações ocorridas no campo, bem como a forma com que estas alteraram a dinâmica urbana existente, considerando as relações interurbanas pautadas pelos diferentes conteúdos dos núcleos urbanos.

Associa-se, finalmente, estas questões aos dados demográficos<sup>1</sup>, que indicam tendência à concentração demográfica verificada em alguns centros e capitais regionais, como Maringá e, por outro lado, um grande número de municípios paranaenses que apresentam taxas negativas quanto ao crescimento da população total nas últimas décadas.

### Leitura histórico-geográfica de Maringá e da rede urbana regional

A história de Maringá e da rede urbana regional, considerando a ocupação capitalista efetiva, inicia-se, basicamente, a partir da primeira metade do século

XX. Esta história contextualiza-se pela significativa projeção que o café brasileiro obteve no mercado internacional e pelos investimentos estrangeiros no Brasil. A cafeicultura foi a atividade econômica, através da qual, a região inseriu-se no cenário nacional e mundial. A rede urbana, historicamente constituída, desenhou-se, principalmente através das ações estratégicas e hegemônicas de uma determinada empresa colonizadora: a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP)<sup>2</sup>. Considerando-se as estratégias da referida empresa, para o sucesso do empreendimento, assinala-se alguns pontos.

Primeiramente, o loteamento em pequenas propriedades. A ocupação da região é contemporânea à grande crise econômica mundial, cujo marco temporal é 1929 e, apesar dela, a região em pauta foi ocupada num período imediatamente posterior, e apresentou um significativo crescimento econômico. A viabilização desse empreendimento deveu-se ao loteamento em pequenas propriedades rurais, que poderiam ser destinadas à cafeicultura. As dimensões limitadas exigiam pouco capital e, em geral, a mão-de-obra familiar era suficiente. Esta foi, portanto, uma estratégia comercial.

Um segundo cuidado, que a referida empresa teve foi o prévio levantamento de algumas condições naturais do espaço para a conveniente localização das

<sup>1</sup> Com base no Censo Demográfico de 1991 e a Contagem Populacional de 1996.

<sup>2</sup> Inicialmente denominada Companhia de Terras Norte do Paraná, subsidiária de uma empresa inglesa.

atividades. Assim, as características topográficas da região foram avaliadas através de levantamento para uma adequada<sup>3</sup> distribuição econômico-espacial das atividades, estradas, cidades e distribuição dos lotes rurais e urbanos.

A terceira estratégia empresarial foi a construção de estradas rodoviárias e ferroviárias. Juntamente com a preocupação de localizar acertadamente as atividades no espaço, estava a preocupação em produzir uma articulação interna e externa da região, através de uma estrada principal e de estradas secundárias, gerando um território fluido com ampla dinamicidade econômica. O objetivo principal, com a instalação desta infra-estrutura, era facilitar o escoamento da produção.

A preocupação com a articulação econômico-espacial levou a constituição de uma rede urbana, podendo-se indicar esta como uma quarta estratégia da CMNP. Esta empresa planejou a instalação de uma rede urbana, que visava atender as necessidades de uma densa população rural. Tal rede compreendia a instalação de pequenos núcleos, a uma distância aproximada de quinze quilômetros uns dos outros, visando facilitar o acesso da população ao consumo básico. Numa distância de aproximadamente cem quilômetros foram planejadas cidades de porte maior, cujo objetivo era oferecer serviços e produtos de demanda menor. Observa-se, portanto, a formação de uma rede urbana hierarquizada.

A CMNP, além dos lotes rurais, vendia também lotes urbanos. A ação estratégica da mesma atingiu o espaço interior das cidades. Esta atitude, quinta estratégia aqui assinalada, visava garantir o sucesso da rede urbana implantada. As ações da referida empresa atingiam esta dimensão espacial de duas formas: 1. Planejamento urbano - As cidades surgiam primeiro nas pranchetas da empresa para depois tornarem-se realidade. Desta forma surgiram mais de sessenta núcleos urbanos. 2. Estímulo ao povoamento dos núcleos urbanos - Era grande o interesse da empresa no desenvolvimento das cidades. Para tanto, existiam cláusulas contratuais, que ao adquirir um lote urbano, obrigava a construção em um ou dois anos. Não bastava, pois, fundar cidades, tinha que se garantir o êxito das mesmas. Além das exigências contratuais mencionadas, a Companhia tinha outras estratégias para a produção do espaço interno das cidades:

construção de um escritório da CMNP, uma estação de *jardineiras*, escola, doação de terrenos para a administração pública local e outras repartições. A finalidade da instalação de núcleos urbanos continha duplo interesse: a comercialização de lotes urbanos e servir de apoio para a atividade agrícola, assistindo e abastecendo os produtores naqueles bens e serviços que não eram produzidos pelos mesmos.

Apesar do papel hegemônico das companhias colonizadoras, e no que se refere à área, onde se localiza Maringá, da CMNP, a constituição deste espaço é resultante de ações de diversas origens. Podem ser citados como agentes deste processo histórico e geográfico os trabalhadores rurais, os proprietários fundiários, as companhias colonizadoras e o Estado.

Embora todos os agentes sejam importantes, alguns impõem-se sobre os demais, determinando as ações daqueles. É por essa razão que se atribuem os fatos históricos ao Estado e às companhias colonizadoras, que colocaram as diretrizes para a ocupação regional. Entretanto, estes agentes não construíram sozinhos a história e a geografia em questão. Elas resultam de uma produção social. Os empreendimentos imobiliários, provavelmente, não teriam obtido o mesmo sucesso sem a adesão dos trabalhadores e produtores rurais. Eles produziam o café e povoavam o espaço rural, dando dinamismo à região.

Ressalta-se, portanto, a relevância dos pequenos proprietários e dos trabalhadores rurais neste período histórico, bem como, os núcleos urbanos criados para atendê-los.

Quanto à Maringá, salienta-se, resumidamente, os principais aspectos históricos e geográficos pretéritos considerados relevantes, para a leitura da geografia atual:

- A localização privilegiada, no que se refere à situação geográfica e a articulação rodoviária existente. Considerando-se que a referida situação fora escolhida cuidadosamente e a rede de estradas construída para melhor articular este espaço e sua região, pode se afirmar que a boa localização de Maringá fora pensada e produzida pelos seus empreendedores capitalistas e pelo Estado;
- O dinamismo econômico relacionado à agricultura e agroindústria. O período cafeeiro forneceu esta tradição a Maringá. Mais do que isso, deve-se ressaltar, deixou também uma infra-estrutura e agentes que propiciaram a continuidade de uma economia agrícola dinâmica, ainda que com a erradicação dos cafeeiros;

<sup>3</sup> Embora tenha acontecido este levantamento das condições ambientais para a localização das atividades, não se acertou em tudo. Por exemplo, Cianorte, uma das cidades planejadas pela companhia para ser um centro regional tem graves problemas com vossorocas no espaço urbano, decorrentes do sítio e do traçado urbano escolhido, bem como do tipo de solo.

- Planejamento de uma rede urbana que lhe atribuía a posição de capital regional. Maringá já surgira com uma posição hierarquicamente superior na composição da rede urbana. Posteriormente Maringá se consolidou como capital regional. Assim, o aumento demográfico, o crescimento territorial, bem como a ampliação dos papéis urbanos já eram de certa forma previstos. O que surpreende é a intensidade que esse processo vem ganhando para a cidade de Maringá e como representa um contraste em relação a uma parte da região.

O funcionamento da rede urbana, da forma prevista, ocorreu enquanto manteve-se a atividade econômica cafeeira. Na década de 60, e de forma mais intensa na década de 70, aconteceram várias mudanças envolvendo a agricultura, o espaço que a sedia, o campo, bem como o espaço urbano. A paisagem e a sociedade regional foram velozmente transformadas pelo referido processo. Estes fatos resultaram da confluência de diversos fatores, como aqueles decorrentes de processos, dinâmicas e ações internacionais, as políticas nacionais e os fatores regionais.

### Transformações no campo

As mudanças na forma de produção agrícola e no campo - espaço que sedia esta atividade econômica - têm seu início cronológico, no Brasil, nos últimos anos da década de 60, tornando-se mais intensas, entretanto, na década de 70. Este processo apresenta continuidade nas décadas de 80 e 90.

Especialmente, as transformações engendradas pelo processo de modernização da agricultura apresentaram-se de forma seletiva, privilegiando alguns cultivos agrícolas e regiões, bem como alguns tipos de unidades produtivas (médias e grandes propriedades). Essas transformações espaciais decorrem de ações humanas, produtoras ao mesmo tempo de uma nova realidade social.

As metamorfoses ocorridas regionalmente têm origem em processos, dinâmicas e ações internacionais, fatores de determinação interna brasileira e outros de ordem regional. As dinâmicas de ordem internacional, foram constatadas através da imposição, por parte de corporações internacionais, do pacote tecnológico denominado *revolução verde* e pela condição brasileira de dependência econômica, fazendo com que a definição do que deveria compor a pauta da produção brasileira, estivesse subordinada ao interesse do mercado internacional.

Os fatores internos, ou brasileiros, decorreram das diversas políticas - crédito agrícola, erradicação

de cafeeiros e estímulo ao cultivo de oleaginosas. A estes somaram-se fatores regionais como as condições das lavouras que devido a idade das mesmas impunham uma renovação, além da ocorrência de geadas e pragas. Estes últimos foram considerados como fatores aceleradores do processo de modernização da agricultura, no âmbito regional.

Pode-se indicar como transformações no campo, as seguintes dinâmicas (Moro, 1991):

- Substituição de culturas agrícolas e diversificação agropecuária - o café foi gradualmente cedendo espaço para as lavouras temporárias como soja, algodão e trigo, e, posteriormente, para uma maior diversificação agropecuária na região;
- Concentração fundiária - a estrutura fundiária tornou-se mais concentrada, sendo que a característica regional de numerosas pequenas propriedades rurais, alterou-se, transformando também as relações espaciais, anteriormente pressupostas;
- Distribuição da população - antes predominantemente rural, agora urbana. As causas da mobilidade espacial da população são atribuídas à inviabilidade da permanência no campo de muitos pequenos proprietários que venderam suas terras, além de arrendatários, parceiros e trabalhadores permanentes que tiveram de sair do campo. Este grupo provocou a inversão do local de residência da população na região, do campo para a cidade;
- Relações cidade-campo - as relações cidade-campo antes eram mais escassas, já que os estabelecimentos agropecuários eram quase auto-suficientes e estes não demandavam produtos, assistência técnica e as diversas orientações que a agricultura modernizada exige. A agricultura passou a depender mais de relações mercantis e financeiras por causa do crédito agrícola e comercialização dos produtos. O agricultor intensificou suas relações com bancos, cooperativas agropecuárias e comércio especializado.

Paradoxalmente, à medida que se reduziu a população rural, ampliaram-se as relações entre o campo e a cidade. Neste novo quadro, os agricultores passaram a provocar, para a satisfação de suas necessidades, um aumento do consumo consumptivo<sup>4</sup> e para o desenvolvimento das

<sup>4</sup> Consumo consumptivo - conceito apresentado por Santos (1996c). O consumo consumptivo refere-se àquele consumo que se esgota em si mesmo, diferenciando-se do consumo produtivo que se volta à produção de novos bens e serviços.

atividades agropecuárias, o consumo produtivo rural (Santos, 1996c). Esta forma de consumo pode ser verificada através do uso de fertilizantes, defensivos, tratores e máquinas agrícolas, nos estabelecimentos rurais.

Além disso, há uma série de novos produtos e serviços voltados à agropecuária, como vídeos com diversas orientações técnicas, softwares, canais especiais de televisão e outros. Há, portanto, um crescimento quantitativo e qualitativo do consumo produtivo rural. Este último se deve a ampliação da oferta de produtos e serviços relativos a esta mesma forma de consumo.

O processo engendrado pela agricultura modernizada e a formação de um complexo agroindustrial gerou, além do consumo de produtos e serviços já mencionados, a composição de um meio técnico-científico-informacional, que conforme Santos:

*(...) é o meio geográfico do período atual, onde os objetos mais proeminentes são elaborados a partir dos mandamentos da ciência e se servem de uma técnica informacional da qual lhes vem o alto coeficiente de intencionalidade com que servem às diversas modalidades e às diversas etapas da produção.* (Santos, 1996a: 187)

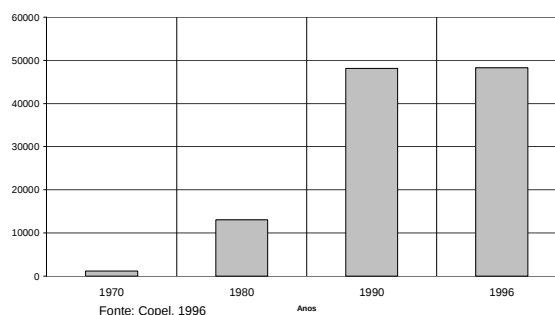
A região noroeste do Paraná<sup>5</sup>, passou de um meio pré-técnico a um meio técnico científico informacional em pouco mais de meio século. É um período curto para transformações tão intensas. A desigualdade de conteúdo técnico e científico, entre os espaços relaciona-se ao modelo econômico exportador, imposto pela dívida externa. Este modelo cria no país áreas mais ricas, que incorporam, como é o caso da região envolvida neste estudo, culturas agrícolas modernas.

Na região noroeste do Paraná, ocorreu a partir de 1970 uma significativa territorialização de redes, dentre as quais, de energia elétrica e telefonia rural, além da rede viária paranaense. Destaca-se, também, a presença de profissionais cujas ações representam a inserção do conhecimento técnico-científico e informacional ao território, indicadores que se associam também ao consumo produtivo rural.

A eletrificação rural no Paraná decorre da implementação de vários programas, como o Força

Rural e o Lig-Luz Rural, sendo que em 1996, cerca de 70% dos estabelecimentos rurais do Paraná já estavam ligados à rede de energia elétrica. Este índice resulta, portanto, de programas de eletrificação rural. Ao analisar o período em que há uma propagação da eletrificação rural no Paraná, e o período em que ocorre a modernização agrícola, observa-se uma nítida relação.

A Figura 1 mostra a evolução da eletrificação rural, na região noroeste do Paraná, revelando um salto quantitativo entre as décadas de 70 e 80. Deve-se lembrar, que os dados representados nesta figura, em relação a 1970, não contemplam o total das ligações elétricas existentes, já que existiam outras companhias elétricas nesta região no referido período. Contudo, é possível observar o baixo índice de eletrificação rural, nesta década.



**Figura 1.** Noroeste do Paraná, evolução do número de ligações elétricas rurais, 1970-1996

Em 1980, verifica-se o acréscimo no número de ligações elétricas, mas foi em 1990 que os indicadores atingiram seu auge. Para tanto, deve-se verificar o total de ligações existentes na região nos dois anos mencionados. Em 1980, 13.015 ligações e em 1990, 48.134 ligações. O crescimento do número de ligações elétricas rurais na região noroeste foi de aproximadamente 369% entre 1980 e 1990.

Pode-se afirmar que houve um aumento relevante destas ligações à medida que houve a modernização da agricultura. Ressalta-se um movimento oposto entre a população que saía do campo e o adensamento técnico que aí se manifestava.

A telefonia no Estado do Paraná é de responsabilidade da empresa Telecomunicações do Paraná - Telepar<sup>6</sup>. Embora bem menos difundida do que a eletrificação rural, a telefonia rural atinge todos os municípios da região Noroeste. Além da telefonia tradicional, há também a telefonia celular rural.

<sup>5</sup> Considera-se neste trabalho como região noroeste do Paraná, a soma dos recortes administrativos da Telepar e da Copel, cujas sedes regionais estão em Maringá, totalizando 125 municípios. Tal recorte é semelhante ao estabelecido pelo Iparde, que em 1983, elaborou uma regionalização do Paraná, baseada na polarização exercida pelas cidades, considera cinco pólos regionais para este Estado: Curitiba, Ponta Grossa, Londrina, Maringá e Cascavel. Com esta regionalização, Maringá envolve as sub-regiões de Paranaíba, Umuarama e Campo Mourão. Esta região polarizada por Maringá é que está sendo denominada de noroeste do Paraná.

<sup>6</sup> Desde a privatização em julho de 1998, a Telepar passou a fazer parte da Telcel, grupo que agregou empresas telefônicas de vários Estados brasileiros.

Conforme a Telepar, a demanda por este tipo de telefone tem sido maior do que a oferta na região.

A análise da rede viária existente, evidencia que antes da década de 70, praticamente não havia uma integração viária entre as regiões no Paraná. Em meados desta década, começou a ganhar forma o atual sistema viário, articulando Foz do Iguaçu ao Porto de Paranaguá, passando por Ponta Grossa e promovendo também a articulação com o oeste e sudoeste Paranaense. Na década de 80, já se observava a presença das rodovias denominadas corredores de exportação. Estas rodovias resultam do empenho do governo estadual e federal, visando agilizar o escoamento da produção agrícola, via Paranaguá.

A constituição do meio técnico-científico-informacional ocorre com a territorialização das redes materiais já mencionadas anteriormente, mas também, com a presença de determinados profissionais, cujas atividades representam a inserção de técnica, ciência e informação a um espaço geográfico. As novas técnicas, envolvidas no processo de modernização da agricultura, exigem a assistência de profissionais específicos. O agricultor não desempenha mais o seu trabalho sozinho. Precisa contar com o trabalho e a ação de outros profissionais.

A proporção verificada, entre estabelecimentos rurais e profissionais, por município na região noroeste, revela grande concentração espacial na cidade principal - Maringá, bem como nos centros regionais, o que demonstra o adensamento do meio técnico científico informacional de forma espacialmente desigual. Enquanto, alguns municípios não dispõem de profissionais técnicos que atuam na área agropecuária, em Maringá há apenas dois estabelecimentos rurais, para cada profissional<sup>7</sup>. Isto indica que os profissionais concentrados em algumas cidades, atendem além dos limites territoriais municipais em que se encontram. Através destas informações, observa-se, um dos vetores pelos quais se estabelecem as hierarquias e relações interurbanas.

Conforme foi ressaltado anteriormente, novos agentes ganharam destaque na produção do espaço regional, caso das cooperativas e agroindústrias, além do reforço na atuação do Estado. Concomitante a esse processo, agentes que foram primordiais (pequenos proprietários e trabalhadores rurais) na

produção inicial deste espaço foram quase totalmente dele eliminados.

O espaço regional, com as inovações econômicas, ganhou novos arranjos sócio-espaciais, dentre os quais, destacam-se:

- A estrutura agrária encontra-se bastante alterada, já que os estabelecimentos rurais ficaram concentrados com menor número de proprietários;
- As transformações econômicas foram acompanhadas de uma mudança do conteúdo técnico espacial, através das redes infra-estruturais que passaram a compor o espaço geográfico regional. A presença destas redes representam a constituição do meio técnico-científico-informacional;
- As relações interurbanas foram atingidas de duas formas. Os pequenos núcleos urbanos cujas atividades, especialmente as comerciais, visavam atender a numerosa população rural presente no espaço regional antes da modernização da agricultura, tiveram um declínio econômico e populacional desde então. Por outro lado, núcleos urbanos considerados centros ou capitais regionais passaram a concentrar novas atividades e a receber parte da população vinda daqueles pequenos núcleos urbanos. A agricultura moderna gerou uma demanda de produtos e, portanto um conjunto de estabelecimentos comerciais e de serviços. Estes estabelecimentos, na sua grande maioria, localizaram-se nos centros e capitais regionais, visando atender um espaço mais amplo que o do próprio município. Maringá, como capital regional, passou a concentrar estas atividades, o que ampliou e reforçou os seus papéis urbanos. Deve se considerar também que com a instalação das redes telefônica e rodoviária as possibilidades de relações interurbanas tiveram uma mudança qualitativa. A rede telefônica, por exemplo, promove relações territorialmente descontínuas. As questões aqui indicadas serão retomadas a seguir.

### **Maringá, ampliação das atividades urbanas**

Todas as transformações já mencionadas, produziram também modificações nas relações interurbanas. Para atender a agricultura moderna, a cidade passou a sediar estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços especializados. Além disso, estão nos espaços urbanos as cooperativas agropecuárias que organizam a comercialização da

<sup>7</sup> De acordo com dados coletados junto aos conselhos regionais (CREA e CRMV) quanto ao número de profissionais que atuam na área agropecuária e que somados, por município, foram divididos pelo número de estabelecimentos agropecuários fornecidos pelo censo agropecuário 1995-6.

produção, as agroindústrias e instituições que formam profissionais para orientar tecnicamente a produção agrícola. Todas essas relações delineiam uma maior integração entre os espaços de produção agrícola (o campo) e os espaços de regulação da mesma (as cidades). Analisa-se na sequência o comportamento de algumas atividades urbanas, sediadas em Maringá, e que visam atender a demanda do campo modernizado.

**Comércio e prestação de serviços do ramo agropecuário.** Através de questionários aplicados em sessenta e três empresas do ramo agropecuário, localizadas em Maringá, observou-se que poucas empresas se instalaram na cidade antes de 1970. É bastante visível a evolução do número de empresas no decorrer das décadas de 80 e 90. Esse fato demonstra a relação cronológica entre o processo de modernização da agricultura e a instalação das referidas empresas de comércio especializado para as atividades agropecuárias, conforme exposição anterior, a mesma intensifica-se a partir da década de 70<sup>8</sup>.

As empresas comercializam diversos tipos de produtos para a pecuária e agricultura; máquinas e implementos agrícolas; prestação de serviços; telefonia rural e outros. Dentre os grupos de atividades, sobressaem-se as atividades comerciais envolvendo os produtos para pecuária e para a agricultura, como sementes, fertilizantes, rações etc. O conjunto comercial especializado, tanto para a agricultura como para a pecuária, relaciona-se ao fato de que há, na área rural de influência de Maringá, as duas atividades. Considerando-se como um espaço contíguo de influência desta cidade, a região noroeste do Paraná, pode-se dizer, de forma geral, que as sub-regiões de Maringá e Campo Mourão têm maior uso de solo relacionado às atividades agrícolas mecanizadas, enquanto as sub-regiões de Paranavaí e Umuarama, cujo solo deriva do arenito Caiuá, têm maior uso de solo relacionado às atividades pecuárias<sup>9</sup>.

Quanto à procedência dos produtos, ou seja, a origem das empresas fornecedoras para este comércio especializado, verificou-se que as relações interurbanas, desenvolvem-se com um conjunto amplo de lugares, tanto no interior do Paraná, como com outros estados, cabendo destaque especial para

o Estado de São Paulo e, para a sua capital, principal sede das indústrias químicas - medicamentos veterinários, defensivos e fertilizantes agrícolas, como por exemplo, a Rhodia e a Bayer.

É notável que vários pequenos centros urbanos aparecem como fornecedores. É o caso de empresas especializadas em sementes, exemplificado pela Cargil que tem uma unidade em Andirá-PR, pela Agrocere, em Jacarezinho-PR; Agropema, em Manguaçu-PR e Trimax, em Mamborê-PR. Os pequenos centros também aparecem com frequência quando os produtores são diretamente os fornecedores, caso das empresas que comercializam café e gado.

Estes fatos permitem identificar a especialização urbana de que trata Santos (1996c:52), geradora de uma urbanização diversificada e complexa. As relações interurbanas não obedecem mais a velha hierarquia urbana na qual aos pequenos centros urbanos cabia apenas o papel de consumidores e não de fornecedores. Eles têm se tornado sede de empresas fornecedoras, estabelecendo assim relações com espaços mais distantes.

Verificou-se, também, a procedência dos clientes das empresas, visando avaliar o significado deste tipo de atividade comercial da cidade de Maringá, quanto a sua constituição como espaço geográfico relativo<sup>10</sup>. Verificou-se que, as relações comerciais vão bem além da região contígua territorialmente a Maringá. Portanto, a configuração constituída por estas relações reforça que embora as relações sejam mais intensas com as cidades próximas, ocorrem significativas relações com uma amplitude espacial maior.

As relações espaciais que independem da contiguidade territorial, revelam uma nova tendência, na qual o papel dos novos fluxos é fator fundamental. A popularização do uso do telefone e do fax, nas relações comerciais, tornaram possíveis tais relações que desafiam as concepções anteriores de rede urbana.

Parte significativa dos clientes, cerca de 30%, residem em Maringá, mas as suas propriedades estão localizadas em outros municípios do Estado do Paraná, e em outros Estados como: Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia. Este fato pode ser explicado pela existência de dois processos: a mudança do local de residência de proprietários da região para Maringá e pela existência de ex-

<sup>8</sup> Deve-se considerar, entretanto, estas informações dentro dos parâmetros de sobrevivência das empresas no Brasil, bastante instáveis, principalmente no que se refere às pequenas e médias. Isso pode justificar, em parte o fato da maior parte das empresas analisadas - 46% - terem instalação posterior a 1990.

<sup>9</sup> Observa-se, contudo, a busca de alternativas para o solo derivado do arenito Caiuá, incentivada pelas cooperativas: sericultura, avicultura, fruticultura, etc.

<sup>10</sup> O espaço relativo refere-se ao espaço absoluto, adicionado das possibilidades geradas pelas redes de transportes e comunicações, associado a divisão espacial do trabalho. Smith, N. *Desenvolvimento desigual*, p.109-47. Assim, os espaços absolutos são a matéria-prima para a produção do espaço relativo.

proprietários rurais de Maringá e da região, que devido a alta valorização imobiliária das terras nessa região, venderam suas propriedades e compraram outras maiores em regiões do país onde o preço é menor. Outros, ainda mantêm a propriedade rural na região, além daquelas adquiridas em outros estados. Embora, proprietários de terras distantes, muitos continuam a residir em Maringá. Aqueles que se mudaram para outros estados, muitas vezes continuam sendo clientes do comércio maringaense, preservando vínculos que já existiam.

Desta forma, observa-se que a procedência de clientes de outros estados brasileiros, de forma mais intensa, dos Estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. São significativas também as relações com os Estados de Goiás, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ressalta-se que, apesar do número de clientes de outros estados ser relativamente pequeno, as transações comerciais, normalmente, são de grande volume e de relevante expressão monetária. Proprietários rurais, bem como empresários do ramo agropecuário de Maringá, que estabeleceram relações com outros Estados, estão territorializando a sua experiência, neste setor de atividade econômica, em outros espaços.

As relações comerciais mencionadas são possíveis pela intensificação de formas de comunicação que prescindem do contato pessoal, como o telefone e o fax. Há algumas empresas que operam basicamente por telefone. Caso, principalmente, das empresas de assessoria ou intermediação comercial, que através desta forma de contato, podem relacionar-se com localidades de todo o país. A intensidade do uso de telefone e de fax favorecem novas relações de influência nas atividades comerciais. Estes novos fluxos auxiliam na produção de novas relações espaciais, mais distantes e descontínuas territorialmente.

As antigas formas das relações comerciais, nas cidades, justificam porquê o mercado era considerado o lugar de contato entre vendedores e compradores. Afirmam Berry (1971) em estudo baseado na teoria das localidades centrais, que um mercado é onde um certo número de vendedores e de compradores se põem em contato. Para a referida teoria, as distâncias eram fundamentais para as relações comerciais, já que o contato pessoal era o que prevalecia. A tendência observada, atualmente, é que as relações comerciais têm ocorrido de forma a superar cada vez mais essas distâncias. Estas possibilidades devem ser atribuídas às formas de comunicação instantâneas e pelas facilidades de transporte. As distâncias relativizam-se e passam a ser medidas, progressivamente, pelo tempo necessário ao deslocamento e à comunicação.

A cidade, como centro de mercado, ainda promove o contato entre os vendedores e compradores, ou entre os comerciantes e seus clientes, entretanto tal contato dispensa cada vez mais a presença pessoal. Para essas novas oportunidades de comercialização são imprescindíveis as redes de telecomunicações.

No espaço intra-urbano de Maringá, verificou-se a presença da maioria das empresas referentes à atividade analisada, na avenida Brasil. A especialização comercial, torna um determinado espaço, freqüentado por uma clientela específica, neste caso os agricultores e pecuaristas. Isto faz com que mesmo os estabelecimentos comerciais não especializados em produtos voltados exclusivamente à agropecuária, caso das lojas de ferragens, materiais elétricos, localizadas no trecho da referida avenida, onde estão as empresas agropecuárias, exponham ferramentas agrícolas, arames, artigos de couro, chapéus e capas protetoras. Estas empresas, embora não classificadas como do ramo agropecuário, têm em grande parte a mesma clientela.

Deve-se destacar, ainda, a recente tendência das empresas se localizarem em trechos das rodovias próximas à área urbana de Maringá. A troca de localização é vantajosa já que representa uma redução nos custos e disponibilidade de área mais ampla para estacionamento. Além do mais a mudança não deve prejudicar o movimento de clientes, já que os mesmos utilizam a rodovia, já que procedem de diversas cidades da região e também do espaço rural de Maringá. Portanto, a localização intra-urbana destas atividades comerciais já revelam que as mesmas se voltam à clientes, na sua maioria, de procedência exterior à cidade ou ao município.

**As Cooperativas agropecuárias e o complexo agroindustrial.** As cooperativas, conforme já foi destacado, foram e ainda são agentes fundamentais na produção do espaço regional. Encontrou-se em Maringá três cooperativas agropecuárias em atividade: Cooperativa Agropecuária de Produção Integrada do Paraná Ltda, Cooperativa de Laticínios de Maringá Ltda (Colmar), Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas de Maringá Ltda (Cocamar). As três cooperativas exercem influência regional.

A Cocamar e a Colmar, além de comercializar os produtos agropecuários, têm verticalizado a produção agrícola, industrializando boa parte dos produtos recebidos. A Cocamar opera com matéria prima vinda de outros lugares, inclusive importada, como é o caso do algodão argentino na fiação. A Colmar industrializa o leite, tendo como resultado

os seguintes produtos: leite pasteurizado, requeijão, mussarela, doce de leite, ricota etc. Já a Cocamar, considerada a segunda<sup>11</sup> maior cooperativa do Brasil com base nos indicadores financeiros, tem um diversificado parque industrial, envolvendo a industrialização de óleos vegetais (soja e canola), fiação de algodão e de seda, torrefação e moagem de café, produção de suco de laranja e fecularia.

A diversificação agroindustrial compreende, pela natureza da matéria prima que utiliza, uma diversificação agrícola por parte dos produtores agropecuários, promovida pela Cocamar. Tal estratégia de desenvolvimento se faz necessária em tempos de mundialização da economia. Quanto maior a diversificação agrícola e industrial de uma região, menor a exposição às oscilações do mercado. Evita-se, assim, a inviabilização econômica tanto da cooperativa, bem como de seus produtores.

Reconhece-se, portanto, a expressividade das cooperativas, em especial da Cocamar, na constituição dos papéis urbanos de Maringá no que se refere a regulação das atividades econômicas do campo, ou seja, na gestão do agronegócio.

Além das cooperativas agrícolas citadas, com seus respectivos parques industriais, existem em Maringá várias empresas do complexo agroindustrial. Considerando-se as que estão à montante e à jusante da produção agropecuária, existem sessenta empresas nesta cidade. As agroindústrias provocam uma significativa demanda pelos produtos agropecuários regionais, dinamizando a produção. A safra de soja, por exemplo, é bastante disputada pelas empresas.

A agroindústria apesar de constituir tradicional atividade econômica para o Paraná, e, em especial para a região Norte do Estado, mantêm-se como um dos principais ramos industriais, todavia, de forma moderna e competitiva. Trintin (1993:89-90) compara as agroindústrias do período cafeeiro com as atuais, afirmando que estas últimas são bastante diferentes dos maquinistas despalcadores de café:

*Trata-se de um complexo agroindustrial moderno e forte que compete com os grandes complexos agroindustriais nacionais e internacionais.”. Complementa, ainda, dizendo que: “(...) o avanço da indústria representa um fato extremamente importante, pois este setor avançou não sobre uma estrutura arcaica e rudimentar, mas perante um setor altamente moderno que é a agricultura paranaense.*

A dinâmica do *agrobusiness* amplia as relações espaciais de Maringá. As agroindústrias localizadas nesta cidade, estabelecem relações com o mercado brasileiro, como também, com o mercado

internacional. A comercialização dos produtos agrícolas na região, especialmente o de soja, pauta-se pelas cotações do mercado internacional. A política de preços tem os seus termômetros nas cidades globais, através de suas bolsas de valores, como as de Chicago, Nova Iorque e Londres. Estas cidades abrigam o comando político da produção. É principalmente através do setor agropecuário que a economia maringaense e de sua área de influência participam do comércio mundializado.

**A formação de profissionais.** A agricultura tecnificada precisa de profissionais especializados, conforme já se assinalou antes. Esses profissionais são os decodificadores do discurso técnico, presente nos objetos - máquinas e insumos modernos. O novo padrão tecnológico, com que se produz na agricultura, exige orientação especializada, prestada por engenheiros agrônomos, zootecnistas e veterinários.

Os cursos de agronomia e zootecnia da Universidade Estadual de Maringá, conforme dados de 1997, somaram 395 alunos. Desses 48%, ou seja 191 alunos são de Maringá. O percentual restante - aproximadamente 51%, envolve 204 alunos, procedentes de outros 79 municípios do Paraná (27,8%). Alunos de outras unidades da federação (23,7%), procedem do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraíba e Pernambuco. As relações são mais intensas com os Estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo.

Portanto, mais da metade dos alunos dos referidos cursos, vêm de outros locais, o que expressa a influência da UEM no que se refere à formação dos profissionais, que orientam a agricultura moderna. Como pode ser observado, Maringá, através de sua universidade, tem o papel de formar profissionais para trabalhar com a agricultura modernizada, tanto na produção como na comercialização, acompanhando as atuais tendências mundiais. É característico da nova forma de produção no campo, o aumento da presença do trabalho técnico-científico-informacional.

### Transformações na rede urbana

As relações interurbanas estabelecidas, a partir de Maringá, foram aqui analisadas através de dados referentes à procedência de fornecedores e clientes dos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços voltados à agropecuária, alunos dos cursos de agronomia e zootecnia e associados das cooperativas. Tais dados revelaram que a

<sup>11</sup> A maior cooperativa do Brasil é a Cooperativa Agropecuária Mouraense - Coamo, Campo Mourão-PR.

hinterlândia de Maringá, configura-se em relações contíguas e não contíguas territorialmente.

O espaço absoluto de Maringá - o território municipal, especialmente a área que abriga sua sede urbana, contém atividades que atraem pessoas de uma área bem mais ampla do que os papéis regionais atribuídos a esta cidade, quando dos seus primeiros anos. Sendo assim, pode-se ensaiar que as mudanças qualitativas no espaço absoluto geraram mudanças no espaço relativo, ou seja, ele está mais amplo, alcançando outros pontos brasileiros e internacionais.

Suprir o consumo produtivo rural já é uma atividade tradicional para Maringá. Entretanto, é necessário observar que este papel urbano vem se ampliando qualitativamente com novos produtos e serviços, bem como quantitativamente, o que lhe dá um alcance espacial maior. Portanto, Maringá, considerada como espaço urbano relativo, à medida que teve acréscimos nos seus papéis urbanos, ampliou, em contrapartida, sua área de influência.

Para Maringá e região, a aplicação do conceito consumo produtivo rural tem valor para a compreensão do processo histórico, pois permite apreender o momento em que as relações campo/cidade e interurbanas começaram a se transformar.

Maringá, que já concentrava uma série de *papéis* urbanos, passou a atender ao consumo produtivo rural, através de estabelecimentos comerciais que revendem fertilizantes, fungicidas, inseticidas, sementes selecionadas, máquinas e implementos agrícolas. Surgiram empresas de prestação de serviços, como as de manutenção de máquinas e as de planejamento agrícola para a obtenção de crédito, além das cooperativas agropecuárias e a constituição de um complexo agroindustrial que reforçam o conjunto de atividades existentes em Maringá mais do que concomitantes, estreitamente relacionados à modernização da agricultura.

Quanto às relações interurbanas, verifica-se que são semelhantes entre os vários tipos de dados analisados. A influência fora do Paraná ocorre quase sempre com os mesmos Estados: Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Pode-se dizer que há um circuito do *agrobusiness*, pois as cidades que sediam o atendimento ao consumo produtivo rural são ao mesmo tempo, fornecedoras e consumidoras dos produtos agropecuários, estabelecendo uma relação de intercâmbio comercial.

As relações interurbanas não obedecem mais a limites rígidos e definitivos quanto à determinada área de influência. Cada atividade instalada numa

cidade pode ter uma configuração de fluxos diferenciada. Desta forma, a rede urbana não deve mais ser compreendida como rigidamente hierarquizada, com uma área de influência geometricamente calculada. Embora as relações interurbanas precedentes ainda se manifestem, há convivência entre velhas e novas hierarquias e, mesmo, relações interurbanas não hierárquicas, complementares ou competitivas. Estas últimas podem ser exemplificadas pelas inter-relações entre as denominadas cidades de porte médio, caso de Maringá com Cascavel, Londrina e outras.

Portanto, a compreensão de rede urbana e região não deve ter como referência limites territoriais rígidos, pois ocorrem distintas formas de expressão. É oportuno indicar a seguinte reflexão, acerca do conceito de rede urbana como:

*(...) resultado de um equilíbrio instável de massas e de fluxos, cujas tendências à concentração e à dispersão variam no tempo fornecendo as diferentes formas de 'organização' e de dominação do espaço pelas aglomerações (...) a rede urbana é fundamentalmente dinâmica e instável.* (Santos, 1978:96-7)

Sendo algo instável e dinâmico, a rede urbana, enquanto conceito, também deve ser frequentemente revisto. Deve-se apreender, a cada momento e em cada espaço, as interações ocorridas e investigar a natureza das mesmas.

**Rede urbana, conteúdo urbano desigual e concentração demográfica.** As relações numa rede urbana, de forma geral, não são harmoniosas. Como as relações sociais existentes na sociedade capitalista, as relações interesaciais são pautadas mais pela desigualdade e competição. Esse é o enfoque de Corrêa (1994), quando propõe o estudo da rede urbana como reflexo e condição da divisão territorial do trabalho, considerando a existência de dois ciclos de exploração das cidades maiores sobre as menores.

O primeiro ciclo envolve diversos fluxos originados no campo ou nas cidades menores para as cidades maiores. A produção agrícola recebida pelas cooperativas agropecuárias e agroindústrias constituem a matéria-prima para o funcionamento das mesmas. As pessoas que saíram desses espaços, em busca de sobrevivência, formam a mão-de-obra barata e excedente nos grandes e médios centros urbanos. Finalmente, há o capital drenado através do sistema bancário e comercial.

O segundo ciclo, constitui-se por investimentos de capitais urbanos no campo, pela distribuição de bens e serviços como aqueles fornecidos pelas empresas do ramo agropecuário de Maringá. Lembra Corrêa (1994), que este segundo ciclo realimenta o

primeiro. Esta afirmação procede, pois, à medida que o capital tornou-se o principal fator da produção agrícola é que se intensificou a migração composta por trabalhadores rurais desempregados e a concentração nas cidades médias do comércio e de serviços especializados, um dos fatores responsáveis pela drenagem de capital.

De acordo com dados do censo demográfico de 1991 e contagem populacional de 1996, dos 125 municípios que compõem a região aqui denominada noroeste do Paraná, Maringá é o que tem maior população com 267.942 habitantes. Todos os outros municípios têm população inferior a 100.000 habitantes, sendo que apenas cinco deles tem população entre 50 e 100.000 habitantes - Campo Mourão, Cianorte, Paranavaí, Sarandi e Umuarama. Treze municípios têm entre 20 e 50.000; vinte e seis têm entre 10 e 20.000; quarenta e três têm entre 5 e 10.000 e trinta e sete têm abaixo de 5.000 habitantes. Conforme pode se perceber, é nítida a concentração populacional em Maringá. De 125 municípios, 85 têm índice negativo de crescimento da população total. Estes são os municípios com maior índice negativo: Iretama, São Jorge do Patrocínio, Roncador, Corumbataí do Sul e Tapira. Apenas 40 municípios apresentam taxa de crescimento populacional positiva, sendo nítida a tendência a maior concentração em municípios próximos a Maringá, especialmente em Sarandi e Paçandu, municípios limítrofes de Maringá. A explicação do crescimento demográfico maior destes municípios deve-se aos seguintes fatores: elevado custo do solo do município pólo; restrições impostas pelas legislações de uso e ocupação do solo no mesmo; grande oferta de lotes populares dos municípios limítrofes, em porções territoriais contíguas aos limites administrativos do núcleo principal (Moura, 1996).

Além disso, a tendência dos movimentos migratórios recentes não é da mesma natureza da existente nas décadas anteriores, caracterizadas pelo êxodo rural. A mobilidade geográfica de pessoas do campo para a cidade ainda não se esgotou completamente, entretanto, ressalta-se, no momento atual, a migração interurbana. No caso da região em questão, esta mobilidade ocorre a partir dos municípios com pequenos núcleos urbanos para os maiores, daí as taxas negativas de crescimento da população total. Conforme Moura, os centros urbanos com até vinte mil habitantes têm *uma relativa incapacidade de retenção de população por esses centros, com indícios, inclusive, de perda líquida migratória* (Moura e Magalhães, 1986: 13).

A mobilidade espacial da população tem sempre uma força motriz. O conteúdo urbano, existente em

cada núcleo de uma rede urbana, constitui um forte determinante desta dinâmica. Os pequenos núcleos urbanos, outrora fundamentais no atendimento da numerosa população rural, têm os seus papéis estagnados e, até mesmo, reduzidos. Esse processo desencadeia desemprego, desvalorização dos imóveis, ou seja, uma economia localmente recessiva.

Kohlhepp (1991:90) converge para esta análise, à medida que, relaciona a intensa mobilidade geográfica da população ao conteúdo urbano existentes nas cidades:

*Destinos urbanos do êxodo rural nos anos 70 foram os grandes centros regionais como Londrina, Maringá, Paranavaí, Umuarama e Campo Mourão. Com a crescente migração para as sedes de município, o desenvolvimento urbano seletivo, determinado pela dotação funcional diferenciada, que podia se observar antes de 1970, foi substituído por um êxodo rural generalizado, que também visava aos centros menores, a nível de(sic) município. Neste processo, devido à reduzida ou esgotada capacidade de mão-de-obra, ocorreu a formação de em parte extensas áreas marginais suburbanas de classes sociais mais baixas. Nos últimos anos a valorização funcional das grandes cidades da região materializou-se em uma crescente migração interurbana.*

Observa-se que as cidades assinaladas pelo autor, são aquelas que já reuniam papéis, compondo centros ou capitais regionais desde o ciclo econômico do café. Essas cidades são as que tiveram seus papéis ampliados com a modernização da agricultura, passando a suprir a região em relação ao consumo produtivo rural. Kohlhepp (1990: 92) avalia a contrapartida em relação às pequenas cidades:

*As consideráveis perdas de população rural levaram finalmente a uma reação em cadeia, ocasionando o enfraquecimento de pequenos centros e por efeito de ressaca no âmbito das cidades pequenas e médias(sic) ao crescimento hiperdimensional de uns poucos centros metropolitanos regionais.*(Kohlhepp, 1991: 92).<sup>12</sup>

O enfraquecimento, atribuído aos pequenos centros urbanos, por este autor, refere-se a perda de seus papéis, que se contrapõe à ampliação dos papéis urbanos dos centros maiores.

À medida que Maringá foi tendo seus papéis urbanos ampliados, houve uma ampliação, em contrapartida, da sua área de influência. Hoje Maringá polariza, em várias atividades, todo o noroeste paranaense.

<sup>12</sup> O autor refere-se a cidades por nós consideradas médias como se fossem grandes. Kohlhepp, G. Mudanças estruturais na agropecuária e mobilidade da população rural no norte do Paraná (Brasil). *Revista Brasileira de Geografia* (2), p.90, 1991.

Como pode se observar, é complexo separar os aspectos demográficos das cidades dos seus papéis urbanos. Há uma estreita relação entre a dinâmica populacional e a econômica. A concentração de atividades nas cidades de porte médio, como Maringá, geram a concentração demográfica.

Deve ser lembrado que o número de municípios que se esvaziaram demograficamente na região noroeste é de oitenta e cinco. Isso não deve ser encarado como mais um mero dado estatístico, pois nessa dinâmica populacional encontram-se graves problemas sociais. Portanto, além do desenvolvimento espacialmente desigual e concentrador, este processo envolveu um desenvolvimento socialmente desigual, à medida que as novas formas de produção tornam limitadas as possibilidades de inserção sócio-econômica dos trabalhadores e pequenos proprietários rurais. Assim, deve-se pensar na condição social que tal processo tem representado. Há um campo modernizado, o contraste entre as taxas de crescimento demográfico e uma população em marcha pela sobrevivência e, então, cidades esvaziando-se.

Nesse contexto, questiona-se a sustentabilidade dos pequenos núcleos urbanos, frente ao processo de concentração populacional e de conteúdo urbano. Haverá uma nova safra de cidades mortas?<sup>13</sup>

### Considerações finais

Considerando-se a produção da rede urbana aqui explicitada, ressalta-se que Maringá consolida-se, progressivamente, como um centro urbano expressivo. No momento atual, muitos outros papéis já se somaram àqueles enfocados por este trabalho, demandados pela atividade agrícola moderna. As atividades urbanas, provocadas pelo consumo produtivo rural, foram fundamentais para que a cidade alcançasse um maior dinamismo econômico, reforçando a elite política e econômica, que procura no presente instalar em Maringá equipamentos modernos, como a Estação Aduaneira Interior, rodoviária e aeroporto novos e mais amplos, além da reestruturação da área central. Estes investimentos têm como objetivo uma nova ampliação do conteúdo econômico e urbano de Maringá, visando

atrair investimentos que deverão provocar uma reestruturação econômica, com maior diversificação agrícola, industrial e de serviços. Esta política, se não acompanhada da instalação de novas atividades econômicas e equipamentos urbanos de qualidade nas pequenas cidades, sustentará, funcional e demograficamente, a concentração urbana.

### Referências bibliográficas

- Berry, B.J.L. *Geografía de los centros de mercado y distribución al por menor*. Barcelona: Vicens-Vives. 1971. 184p.
- Corrêa, R. L. *A rede urbana*. São Paulo: Ática, 1994. 96 p. (Princípios, 168).
- Endlich, A.M. *Maringá e o tecer da rede urbana regional*. Presidente Prudente, 1998. (Master's Thesis in Geography) - Faculdade de Ciência e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista.
- Kohlhepp, G. Mudanças estruturais na agropecuária e mobilidade da população rural no norte do Paraná (Brasil). *Rev. Brasil. Geogr.*, 2:79-94, 1991.
- Lobato, M. *Cidades mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1951, p.2-7. (Obras completas de Monteiro Lobato, v.2).
- Moro, D.A. *Substituição de culturas, modernização agrícola e organização do espaço rural, no norte do Paraná*. Rio Claro, 1991. (Doctoral Thesis in Geography) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- Moura, R.; Magalhães, M.V. Leitura do padrão de urbanização do Paraná nas duas últimas décadas. *Rev. Paran. Desenvol.*, 88:3-21, 1996.
- Santos, M. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. 345 p.
- Santos, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996(a). 308 p.
- Santos, M. *Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1996 (b). 190 p.
- Santos, M. *A urbanização brasileira*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1996(c). 157 p.
- Smith, N. *Desenvolvimento desigual*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1988. 250 p.
- Trintin, J. G. Desenvolvimento regional: o caso paranaense. *A economia em revista*, 2:73-91, 1993.

Received on November 08, 1999.

Accepted on November 25, 1999.

<sup>13</sup> Termo utilizado por Monteiro Lobato para expor a realidade de cidades do interior paulista, no final da primeira metade deste século, por causa da crise cafeeira. Conforme escreve Lobato, nestas cidades a referência temporal é o passado. "Ali tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente. Tudo é pretérito. Umas tantas cidades moribundas arrastam um viver decrépito, gasto em chorar na mesquinhez de hoje as saudosas grandezas de dantes." E sobre os peões: "Progresso de cigano, vive acampado. Emigra, deixando atrás de si um rastilho de taperas.". Lobato, M. *Cidades Mortas*, 1951, p.2.

